



A percepção sobre as formas de imperativo a partir dos quadrinhos da *Turma da Mônica Jovem* e *Chico Bento Moço*

The perception of imperative forms from the comics of Turma da Mônica Jovem and Chico Bento Moço

Carolina Barroca Faria

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo/ Brasil

carol_barroca@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3421-1503>

Leila Maria Tesch

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo / Brasil

leilatesch@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3919-1230>

Resumo: Neste artigo, apresentamos uma pesquisa sobre a percepção da variação linguística das formas indicativas e subjuntivas na expressão do imperativo no português brasileiro. Com base nos estudos de Scherre (2008; 2012), pôde-se constatar um aumento do uso das formas indicativas em revistas da Turma da Mônica, de 7% em 1970 para 81% em 2010 e, a partir desse resultado, a hipótese é de que os participantes de um experimento criado por nós preferiram majoritariamente as formas no indicativo, tanto na escolha de quais formas os personagens usariam quanto as formas que os participantes utilizariam. Para tanto, aplicamos um questionário, realizado na plataforma *Google* formulários, com recortes das revistas Turma da Mônica Jovem e Chico Bento Moço, do escritor Maurício de Sousa, para que os participantes assinalassem, em um primeiro momento, quais formas as personagens utilizariam e, em seguida, quais os próprios participantes usariam. Foram analisadas as respostas de 875 participantes, sendo a maioria desses da faixa etária jovem, do sexo feminino e residentes na Região Sudeste do Brasil. Os resultados alcançados neste estudo demonstram uma maior tendência de escolha da forma associada ao indicativo em contextos que evidenciam o traço de ruralidade dos personagens, na presença do vocativo depois do verbo, no contexto temporal imediato, em sentenças afirmativas e quando a negação é pós-verbal. Por outro lado, a forma subjuntiva é favorecida em situações comunicativas em que o contexto

de autoridade está em destaque, no contexto temporal não imediato, em sentenças em que a negação é pré-verbal e na presença do vocativo antes do verbo.

Palavras-chave: sociolinguística; imperativo gramatical variável; formas indicativas e subjuntivas; estudo de percepção.

Abstract: In this article, we present a research on the perception of linguistic variation of indicative and subjunctive forms in the expression of imperative mood in Brazilian Portuguese. Based on studies by Scherre (2008; 2012), an increase in the use of indicative forms in Turma da Mônica magazines can be seen, from 7% in 1970 to 81% in 2010 and, based on this result, the hypothesis is that the participants of this experiment mostly prefer the forms in the indicative, both in choosing which forms the characters would use and the forms that the participants would use. We applied a questionnaire, carried out on the Google forms platform, with clippings from the magazines Turma da Mônica Jovem and Chico Bento Moço, both written by Maurício de Sousa, so that the participants indicated, at first, which forms the characters would use and, then, which ones they would use themselves. The responses of 875 participants were analyzed, most of whom were young, female and residing in the southeastern region of Brazil. The results achieved in this study demonstrate a greater tendency to choose the form associated with the indicative in contexts that show the rurality trait of the characters, in the presence of the vocative after the verb, in the immediate temporal context, in affirmative sentences and when the negation is post-verbal. On the other hand, the subjunctive form is favored in communicative situations in which the context of authority is highlighted, in the non-immediate temporal context, in sentences in which the negation is pre-verbal and in the presence of the vocative before the verb.

Keywords: sociolinguistics; variation in imperative mood; indicative and subjunctive forms; perception study.

Recebido em 30 de setembro de 2022

Aprovado em 27 de maio de 2023

1 Considerações iniciais

A gramática normativa prevê que o imperativo

só tem formas próprias para as segundas pessoas; as pessoas que faltam são supridas pelos correspondentes do presente do subjuntivo (..) as terceiras pessoas do imperativo se referem a *você*

(s), e não a *ele* (s). Também não se usa o imperativo nas orações negativas; neste caso empregam-se as formas correspondentes do presente do subjuntivo (BECHARA, 2003, p. 237)

Sendo assim, o imperativo afirmativo e negativo, de acordo com a tradição, deve ser conjugado da seguinte forma:

Quadro 1 – Conjugação do verbo *amar* no imperativo afirmativo e imperativo negativo

Presente (indicativo)	Imperativo afirmativo	Presente (subjuntivo)	Imperativo negativo
eu amo	- (eu)	que eu ame	- (eu)
tu amas (-s) ⇨	ama (tu)	Que tu ames ⇨	não ames (tu)
ele ama	ame (você) ⇐	Que ele ame ⇨	não ame (você)
nós amamos	amemos (nós) ⇐	Que nós amemos ⇨	não amemos (nós)
vós amais (-s) ⇨	amai (vós)	Que vós ameis ⇨	não ameis (vós)
eles amam	amem (vocês) ⇐	Que eles amem ⇨	não amem (vocês)

Fonte: Elaboração própria.

No entanto, debruçando-nos nos princípios da Sociolinguística Variacionista apresentados por Labov (2008 [1972]), sabemos que variações e mudanças são inerentes a todas as línguas. A forma do imperativo no português brasileiro é variável, podendo ser expresso no presente do indicativo e do subjuntivo, como *fala/fale, faz/faça, diz/diga*, respectivamente. Abaixo, demonstramos essa variação com exemplos retirados das revistas da *Turma da Mônica Jovem* em polaridades negativas com pronome *você* no contexto, como em (1) e (2) e de *você* afirmativo em (3) e (4).

Polaridade negativa em contexto *você*:

(1) “**Não entra** na casa. **Você** me ouviu?”

(Edição 63 da revista *Turma da Mônica Jovem*, p. 81)

(2) “**Não faz** a santa, tá? Até parece que **você** não liga para a opinião do Cebola!”

(Edição 64 da *Turma da Mônica Jovem*, p. 94)

Polaridade afirmativa em contexto *você*:

(3) “Que saudade de **vocês! Dá cá um abraço**”

(Edição 74 da revista *Turma da Mônica Jovem*, p. 113)

(4) “**Faz** alguma coisa, Titi! **Você** é o especialista em levar pé no traseiro”

(Edição 71 da *Turma da Mônica Jovem*, p. 26)

Scherre (2008, p. 309), ao analisar a expressão do imperativo nas revistas da *Turma da Mônica* em idade infantil publicadas na década de 1970 e nos anos de 1998 e 1999, em contexto do pronome *você*, identificou que “num lapso temporal de cerca de 30 anos há um aumento de 48 pontos percentuais em direção ao imperativo associado à forma indicativa, aumento este sem dúvida significativo”. Em sequência, nos estudos de Scherre (2012), a forma indicativa já configurava 81%, logo podemos observar e compreender que o uso do imperativo está sofrendo variação e vem passando por um aumento significativo de uso das formas indicativas.

Com as diferentes formas apresentadas para o uso do imperativo, é possível salientar que esse fenômeno pode aparecer em orações negativas e em orações afirmativas, variavelmente, associando-se à forma indicativa e à subjuntiva, no contexto do pronome *você*. Dessa forma, há um afastamento da forma codificada pela gramática normativa pela possibilidade da ocorrência da forma indicativa relacionada ao pronome *você*, em orações afirmativas e negativas, tanto na escrita quanto na fala.

Faria (2020; 2021a; 2021b) investigou a variação do imperativo a partir das revistas da *Turma da Mônica*, utilizando, como base de dados, as revistas da *Turma da Mônica Jovem* (doravante TMJ), publicadas entre 2008 e 2012, e as revistas publicadas a partir de 2013 até 2015 do *Chico Bento Moço* (doravante CBM). Deve-se ressaltar a importância dessas pesquisas, pois permitiram observar a porcentagem de ocorrência do imperativo gramatical variável nessas revistas e os grupos de fatores que parecem influenciar nessa variação com os pesos relativos gerados por meio de rodadas realizadas pelo programa GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005). Esses dados são, predominantemente, com diálogos em contexto *você*, e foram usados também para realizar uma comparação com os resultados previamente obtidos em pesquisas anteriores (ANDRADE, MELO, SCHERRE, 2007; BRASIL, SCHERRE, 2000; SCHERRE, 2003, 2008a, 2008b;

LAMBERTI, SCHWENTER, 2018), descritos com maiores informações na seção 3 deste artigo.

Vale ressaltar que esses estudos mencionados se referem a pesquisas que analisaram dados de produção. Com o objetivo de preencher a lacuna de estudos de percepção sobre a variação do imperativo, tenciona-se neste artigo apresentar e discutir os resultados de um teste de percepção da variação linguística do uso do imperativo, nas formas indicativa e subjuntiva, com base em trechos retirados de revistas da TMJ e CBM.

Dessa forma, este estudo tem como objetivo central entender como os participantes processam a variação linguística no uso do imperativo e verificar se determinados condicionamentos linguísticos, discursivos, sociais e pragmáticos, constatados em diversos estudos de produção já realizados, são também acionados na escolha entre as formas indicativa e subjuntiva na expressão do imperativo. Dessa forma, o presente trabalho objetiva responder aos seguintes questionamentos: (i) como os participantes acreditam que os personagens falam o imperativo?; (ii) como os participantes utilizam o verbo no imperativo em seu cotidiano? e (iii) os participantes percebem alguma diferença entre a forma indicativa e subjuntiva em orações com o imperativo?

A principal hipótese, formulada a partir dos resultados de pesquisas de produção anteriormente realizadas, é que os participantes preferam as formas no indicativo, tanto nos contextos em que devem assinalar qual forma foi utilizada pelos personagens, tanto nas formas que acreditam usar em seu cotidiano. Além disso, acredita-se que os participantes perceberão diferenças de uso entre as formas indicativa e subjuntiva, apontando que as formas no subjuntivo expressam uma ordem mais rude, direta, e que demonstram maior autoridade.

A organização deste artigo é a seguinte. Primeiramente, descrevemos de forma breve a Sociolinguística Variacionista e os estudos de percepção da variação linguística, teoria que orienta a presente pesquisa, na seção 2. Na seção 3, realizamos um levantamento e uma breve descrição de alguns dos trabalhos que analisaram o fenômeno da variação do imperativo em *corpus* de revista em quadrinhos que ajudaram a nortear a elaboração do questionário aplicado. Na seção 4, apontamos os procedimentos metodológicos adotados para a aplicação do questionário e os procedimentos para a análise dos dados e, então, analisamos e discutimos os resultados encontrados no questionário na

seção 5. Por fim, encerramos o artigo com as considerações finais sobre a presente pesquisa.

2 A Sociolinguística e os estudos de percepção e de processamento da variação linguística

A Sociolinguística fundamenta-se como uma área que estuda a língua em seu uso real, compreendendo que a variação e a mudança são inerentes ao sistema linguístico, ou seja, “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 2008 [1972], p. 21).

A partir disso, a variação e a mudança não são vistas como um efeito do acaso, mas como um fenômeno motivado por fatores linguísticos e extralinguísticos que estão intimamente inter-relacionados (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1975], p. 127) e seus pressupostos teóricos permitem a visão da regularidade e sistematicidade presente na comunicação cotidiana, demonstrando a forma que uma variante se desempenha (LABOV, 2008 [1972], p. 262).

Inicialmente, os trabalhos desenvolvidos na área se voltavam, em sua maioria, para estudos de produção e análise do vernáculo da fala, como em Labov (2008 [1972]) que desenvolveu um trabalho de produção em Martha’s Vineyard, ilha situada em Massachusetts, observando a mudança sonora dos ditongos /ay/ e /aw/. Com relação a isso, sabe-se que estudos de produção

permitem identificar em que contextos surgem novas formas na língua, quais são os fatores estruturais que condicionam a variação, e sugerir direcionais da consciência social do fenômeno com base na distribuição das variantes em função dos fatores sociais controlados na amostra. (FREITAG *et al*, 2016, p. 65)

Podemos citar como exemplo da Sociolinguística da produção, os estudos desenvolvidos por Scherre envolvendo a variação do imperativo na década de 1990 em aulas na Universidade de Brasília, motivada por um dever de casa de sua filha. Esses estudos foram ampliados a partir de 2000 com textos escritos, tendo entre eles os das revistas da *Turma da Mônica* (SCHERRE, 2008b, p. 123-128).

No entanto, compreende-se que há a necessidade de, para além do estudo da forma como o fenômeno acontece, observar como as pessoas

acreditam que ele aconteça. Isso é estudado por meio da perspectiva da percepção dentro da área da Sociolinguística, com o uso de testes, os quais dependem do “julgamento do ouvinte, que correlaciona fatores sociais a traços sociolinguísticos, constituindo um padrão de consciência social na comunidade” (FREITAG *et al*, 2016, p. 65).

Weinreich, Labov e Herzog, em *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, sintetizam cinco problemas a serem resolvidos para uma teoria da mudança linguística: 1) O problema dos fatores condicionantes; 2) O problema da transição; 3) O problema do encaixamento; 4) O problema da avaliação e 5) O problema da implementação (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 121-124).

Assim, percebe-se que uma das questões centrais da Sociolinguística se refere ao problema da avaliação, isto é, a importância de se observar a avaliação dos fenômenos em processos de mudança, verificar o conhecimento e o comportamento do falante diante da mudança linguística, investigar de que forma os membros de uma comunidade de fala avaliam fenômenos variáveis e como o falante percebe o significado social das formas variantes. Dessa forma, os falantes podem acelerar ou reter processos de mudança linguística de uma comunidade de fala, na medida em que se identificam ou os rejeitam.

O nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem de ser determinada diretamente. Correlatos subjetivos da mudança são por natureza mais categóricos do que os padrões cambiantes do comportamento: a investigação destes correlatos aprofunda nosso entendimento dos modos como a categorização discreta é imposta ao processo contínuo de mudança. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 124).

Assim como realizou estudos de produção, Labov (2008 [1972], p. 228-231) também realizou estudos de percepção como os das formas geométricas referentes à atração negativa relacionada ao quantificador *any* em várias cidades dos Estados Unidos. Inclusive, Labov *et al* (2011) afirmam que experimentos que observam os correlatos cognitivos da variação linguística estiveram ao lado de estudos de produção de fala. Embora a maioria dos trabalhos da área ainda sejam de produção, nos últimos anos, alguns pesquisadores se voltaram para realizar estudos de

percepção e de avaliação como os testes aplicados por Livia Oushiro em 2015 sobre o (-r) na comunidade de São Paulo (OUSHIRO, 2015).

Em relação aos testes de percepção, afirma-se que “como os usos linguísticos são heterogêneos, a percepção sobre variantes tampouco é homogênea e que, ademais, deve ser socialmente estratificada” (OUSHIRO, 2015, p. 264). Além disso, é evidente que as percepções desses indivíduos nem sempre serão iguais ou parecidas, mas “ao mesmo tempo não são aleatórias ou radicalmente subjetivas” (OUSHIRO, 2015, p. 264). Dito isso, também é interessante desenvolver análises por meio de testes de percepção.

No presente artigo, abordamos, em específico, um estudo de percepção da variação do imperativo entre as formas indicativa e subjuntiva, buscando verificar como se dá o processamento dessa variação entre os falantes. Para isso, recorreremos a tiras extraídas das revistas da TMJ e CBM, buscando verificar se os condicionamentos já verificados em estudos de produção (SCHERRE, 2003; 2008a; FARIA 2020; 2021a; 2021b; FARIA; SCHERRE, 2022) também atuam e são sistemáticos em testes de processamento da variação linguística no uso do imperativo.

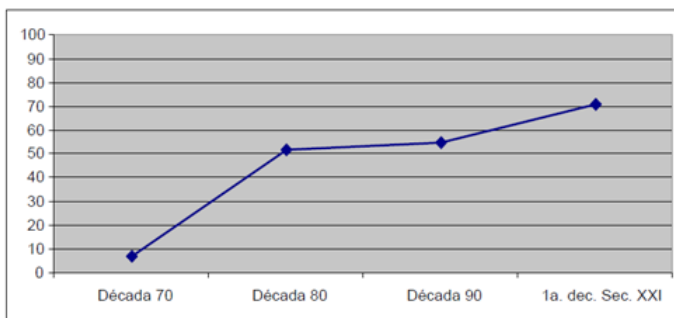
3 Principais resultados da variação do imperativo em estudos de produção realizadas em histórias em quadrinhos

Para o presente artigo, descrevemos os principais resultados de pesquisas consideradas relevantes para um maior entendimento do fenômeno e para a construção do teste de percepção, a saber: Scherre (2003, 2008a; 2008b); Andrade, Melo, Scherre (2007); Faria, Scherre (2022) e Lamberti, Schwenter (2018).

Scherre (2003) analisou a variação do imperativo nas revistas da *Turma da Mônica* em idade infantil publicados em 1998 e 1999. Foram investigados 636 dados e controlados como variáveis linguísticas a polaridade negativa e afirmativa; a presença, localização e pessoa dos pronomes; presença/ausência do vocativo; paradigma verbal, tipo de oposição entre as formas verbais, paralelismo fônico e número de sílabas do verbo na forma infinitiva; e personagens como as variáveis não linguísticas. Os resultados foram de 57% de favorecimento da forma associada ao indicativo e revelaram ser “um sistema inerentemente variável, sem ligação evidente com a pessoa verbal” (SCHERRE, 2003, p. 17).

Em 2007, Andrade, Melo e Scherre adicionaram ao *corpus* os dados de revistas da *Turma da Mônica* da década de 1970 aos anos 2000. Nesse estudo, as autoras identificaram o aumento do uso da forma indicativa de 7% na década de 1970 para 72% nos anos 2000 (cf. Gráfico 1), referenciando esse aumento ao contexto político vivido na época, com o movimento Diretas Já! e o fim do regime ditatorial. Além disso, citam a carta enviada pela Abralin para o personagem Chico Bento, que passou a ser sócio honorário, a fim de defendê-lo do preconceito que vinha sofrendo com a alegação de que era um exemplo ruim para as crianças, inclusive em relação aos seus usos linguísticos, e a tentativa de proibir a publicação de suas revistas pelo Conselho Nacional de Cultura. Com relação a isso, as autoras afirmaram que “o critério para se estigmatizar uma variável linguística não é o seu grau de aproximação à norma gramatical (...) é, sem dúvida, a classe ou comunidade social onde esta se manifesta.” (ANDRADE; MELO; SCHERRE, 2007, p. 9).

Gráfico 1 – Aumento do imperativo associado à forma indicativa, em revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica* entre a década de 1970 e a primeira década do século XXI



Fonte: Andrade, Melo, Scherre (2007, p. 2).

Scherre (2008a) observou, mais uma vez, a mudança linguística dentro das revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica*. Para isso, utilizou, como exemplo inicial do fenômeno, dados de diversos pesquisadores sobre eventos não-formais de fala natural a partir das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Após isso, prosseguindo com sua pesquisa do imperativo na *Turma da Mônica*, analisou revistas publicadas na década de 1970 e nos anos de 1998 e 1999 e notou que “num lapso

temporal de cerca de 30 anos há um aumento de 48 pontos percentuais em direção ao imperativo associado à forma indicativa, aumento este sem dúvida significativo” (SCHERRE, 2008a, p. 309). Observou também o grau de [+/- proximidade] expresso a partir do uso do imperativo, concluindo que

os contextos do pronome *você*, portador dos traços [-proximidade], a depender da localidade, e do pronome *tu* sem concordância, portador do traço [+proximidade] em qualquer localidade, não controlam, todavia, de forma clara, o uso do imperativo associado à forma subjuntiva ou à forma indicativa, bem como o imperativo em uma destas formas não ocorre inequivocamente em outros contextos com traços de [-proximidade] ou de [+proximidade] (SCHERRE, 2008a, p. 318)

Scherre (2008b), ainda no mesmo ano, publicou seu livro *Doa-se lindos filhotes de poodle* e no quarto capítulo “A norma do imperativo e o imperativo da norma: uma reflexão sociolinguística sobre o conceito de erro” se dedicou a dissertar sobre o conceito de erro no imperativo. Quanto a isso, concluiu que “não existe estigma social evidente vinculado ao uso do imperativo na forma associada ao indicativo ou ao subjuntivo. As duas formas não são marcas de prestígio e nem são usadas como estereótipos do suposto ‘mal falar’” (SCHERRE, 2008b, p. 123). Levando em consideração os resultados dessas pesquisas em revistas da *Turma da Mônica*, acreditamos que, em nosso teste, com recortes das revistas TMJ e CBM, a forma indicativa seja a mais assinalada pelos participantes.

Faria e Scherre (2022) destacam que a variação do imperativo é estudada há anos por diversos autores brasileiros e, em geral, os estudos

evidenciam que, no português brasileiro, há, em maior ou menor grau, distanciamento do registro da tradição gramatical. Em outras palavras, as pesquisas evidenciam que os registros da tradição não abarcam a diversidade das paisagens do imperativo brasileiro falado e escrito, a exemplo do trabalho de Lima (2005), com dados de Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, na região Centro-Oeste e o de Evangelista (2010), com dados de Vitória, capital do Espírito Santo, na região Sudeste, que evidenciam que nessas duas capitais só ocorre o macropronome VOCÊ, mas com, respectivamente, percentuais de usos de 94% e 97% de imperativo associado ao indicativo (fala/olha/deixa/traz/vem/dá), quase o oposto do registro da tradição gramatical de língua portuguesa

(fale/olhe/deixe/traga/venha/dê). (FARIA; SCHERRE, 2022, p. 1528)

As autoras destacam que o uso do imperativo nas HQs da TMJ e do CBM passam por um processo de mudança e as variações são cada vez mais visíveis, com um aumento global do imperativo na forma indicativa. Por outro lado, relatam que a forma imperativa associada ao subjuntivo costumeiramente desperta a sensação de autoritarismo e/ou distanciamento nas interações, principalmente para os residentes das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, onde predomina a forma indicativa. Dessa forma, decidiu-se testar se os participantes associam situações mais autoritárias ou de distanciamento a formas no subjuntivo.

Além desses estudos de produção, Lamberti e Schwenter (2018) desenvolveram uma pesquisa a partir de teste de percepção sobre o imperativo, sendo uma das primeiras sobre esse fenômeno, na qual afirmaram que “os falantes das diversas regiões compartilham uma forte preferência pela forma do subjuntivo quando o contexto discursivo referido ocorre em um futuro distante, enquanto o indicativo é favorecido em contextos mais imediatos” (2018, p. 231). Para isso, aplicaram um teste de percepção a 376 participantes de diferentes estados, tendo como base de escolha os que recorrentemente possuíam mais uso do *tu*, como Rio Grande do Sul e Pará, e *você*, como São Paulo e Bahia. Os resultados revelaram que o fator efeito imediato é o que mais tem influência sobre a escolha entre indicativo e subjuntivo, com uma maior probabilidade do indicativo em contextos imediatos. Para nós, convém, então, adicionar em nosso teste de percepção a variável referência temporal a fim de notar essa relação do imperativo entre a forma imediata e não imediata.

A partir das pesquisas aqui descritas, pode-se verificar como a expressão do imperativo tem mudado com o passar do tempo, principalmente ao longo das revistas em quadrinho da *Turma da Mônica*, com um aumento significativo do uso na forma indicativa e elencar as diversas variáveis linguísticas e não linguísticas passíveis de análise em nosso teste. Constatamos ainda que a maioria dos trabalhos são de estudos de produção com apenas uma pesquisa relacionada à percepção do uso do imperativo, reforçando a importância deste artigo. A seguir, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa.

4 Procedimentos metodológicos

Para a realização deste estudo sobre o processamento da variação linguística do imperativo entre as formas indicativa e subjuntiva, desenvolvemos um teste, por meio da plataforma *Google* Formulários, a fim de compreender como os indivíduos observam e avaliam o uso do imperativo, a partir de recortes da fala dos personagens das revistas *Turma da Mônica Jovem*, publicadas entre 2008 e 2015, e *Chico Bento Moço*, publicadas de 2013 a 2015, do escritor cartunista Maurício de Sousa. Dessa forma, tencionamos verificar se determinados condicionamentos linguísticos, discursivos, sociais e pragmáticos, constatados em diversos estudos de produção já realizados, são também acionados na escolha entre as formas indicativa e subjuntiva na expressão do imperativo.

O teste é composto por 27 questões, sendo 26 objetivas e 1 discursiva, divididas em 3 seções. A seção um do teste possui 7 questões envolvendo aspectos sociais dos respondentes, como idade, escolaridade, classe social, controle do local de nascimento e residência do participante, além de informação sobre o hábito de leitura de revistas em quadrinhos. A segunda seção conta com 11 questões a partir de recortes das revistas em quadrinhos TMJ e CBM com os verbos no imperativo omitidos com uma faixa em azul para que os respondentes indicassem qual opção acreditavam que os personagens usariam naquele contexto – a forma subjuntiva ou indicativa. Na seção três, apresentamos 7 questões compostas por frases retiradas das revistas, para que os respondentes marcassem qual opção o participante usaria em seu dia a dia. Além disso, adicionamos uma última pergunta com resposta aberta, de caráter opcional, para que descrevessem se, em seu cotidiano, notavam a diferença entre as orações “Não fala assim!” e “Não fale assim!”.

Convém salientar que nas questões objetivas envolvendo os aspectos linguísticos foi utilizada a estratégia de apresentarmos como primeira opção de marcação a forma imperativa associada ao subjuntivo, a fim de que, caso a ordem influenciasse a escolha, aquela que normalmente é desfavorecida fosse apresentada primeiro (SCHERRE, 2003, 2004, 2012; BRASIL, SCHERRE, 2000; ANDRADE, MELO, SCHERRE, 2007). Para isso, baseamo-nos nos resultados anteriores de favorecimento do indicativo, como em Faria e Scherre (2022), que obteve 76,1% de frequência da forma associada ao indicativo nas revistas da TMJ e CBM.

Para a divulgação do teste, criamos uma imagem mostrando de forma comparativa os personagens principais das duas revistas da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa, na idade infantil e na adolescência, para que aqueles que não conhecessem a revista pudessem identificar o assunto a ser tratado. Elaboramos também uma pequena mensagem de apresentação da pesquisa e convite à participação a ser divulgada juntamente com a imagem, frisando aos convidados que não era necessário ter lido nenhuma das revistas. E no período de 19 de agosto a 17 de setembro de 2021, enviamos esse convite para as pessoas nas redes sociais *Whatsapp*, *Instagram* e *Twitter*¹, pedindo para aqueles que pudessem também divulgar o teste aos seus conhecidos, a fim de que o questionário alcançasse o maior número de pessoas possível. Ao final desse período, recebemos 1.038 respostas de pessoas de 10 a 78 anos. Em virtude do código de ética da pesquisa que guia esta pesquisa, só analisamos os dados dos respondentes maiores de 18 anos. Além disso, retiramos dados de pessoas que nasceram e/ou moram atualmente no exterior. Depois de retirados esses dados, analisamos as respostas de 875 participantes.

Para melhor visualização do contingente dos respondentes, os 875 questionários válidos e analisados foram respondidos por brasileiros de 18 a 78 anos², com idade média de 24 anos, ou seja, a maior parte das respostas são de pessoas jovens. Em relação ao sexo, 72% assinalaram ser do sexo feminino, 26% do sexo masculino e 2% preferiram não dizer ou se declararam agênero ou não-binário. A maior parte dos participantes, 56,9%, declararam estar cursando o ensino superior, 12,5% com nível superior completo, 10,5% cursam ou já cursaram a pós-graduação, 19,8% possuem o ensino médio e 0,3% possui o ensino fundamental. Também controlamos o local de nascimento dos participantes. Vale destacar que a maior parte nasceu no Espírito Santo (estado em que foi realizada a

¹ É interessante dar relevância ao *Twitter* que foi a rede social que nos proporcionou mais voluntários para a pesquisa devido ao número elevado de usuários e como a rede social se organiza. Usamos como método de coleta de possíveis respondentes o recurso “*search*” pesquisando a palavra “TCC”, “UFES” e “Turma da Mônica”, encontrando pessoas que já haviam falado sobre esses assuntos, e enviamos, então, a mensagem de convite para a realização do teste. A partir disso, conseguimos respostas de pessoas de vários estados do território brasileiro.

² 677 dos respondentes pertenciam a faixa etária jovem de 18 a 25 anos (77,3%), 184 adultos entre 26 a 55 anos (21%) e 14 pessoas a partir de 55 anos (1,7%).

pesquisa), com 326 respondentes, ou seja, em torno de 37%, seguido dos demais estados da Região Sudeste – São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. No entanto, vale destacar que conseguimos alcançar a participação de indivíduos de todos os estados brasileiros, incluindo o Distrito Federal. Finalizando a caracterização dos aspectos socioculturais daqueles que participaram de nosso estudo de percepção, questionamos os participantes sobre o seu hábito de leitura de revistas em quadrinhos. Notamos, por meio das respostas, que a maioria, especificamente 503 pessoas, ou seja, 57% dos respondentes, não lê revistas em quadrinhos atualmente, mas no passado tinha o costume; 29% lê histórias em quadrinhos, mas não com frequência; 13% lê sempre e 1% dos indivíduos assinalou que nunca leu nenhum tipo de revista em quadrinhos.

Levando em consideração os objetivos deste artigo, na próxima subseção descrevemos e analisamos os resultados das seções 2 e 3 do teste aplicado. Mais especificamente, na subseção 5.1, apresentamos os resultados referentes ao questionamento sobre como os participantes acreditam que os personagens usam o imperativo, buscando verificar se fatores linguísticos, discursivos e pragmáticos que influenciam no uso das formas indicativa e subjuntiva nas revistas da TMJ e CBM também são acionados neste teste de percepção da variação do imperativo. Além disso, na subseção 5.2, relatamos e discutimos os resultados relacionados às perguntas sobre como os participantes utilizam o verbo no imperativo em seu cotidiano, buscando comparar esses resultados aos de pesquisas de produção já realizadas e, por último, discutir as respostas dos participantes que se dispuseram a descrever se percebem alguma diferença entre a forma indicativa e subjuntiva em orações com o imperativo.

5 Análise dos resultados da percepção da variação do imperativo entre as formas indicativa e subjuntiva

Nesta seção, analisamos as respostas a respeito da percepção de usos variáveis do imperativo entre as formas indicativa e subjuntiva de 875 participantes. Em 5.1, descrevemos e analisamos as respostas às 11 questões apresentadas, em que o participante tinha de apontar, a partir do espaço apagado representado por um retângulo azul, o que o personagem da imagem recortada da história em quadrinhos teria usado – a forma indicativa ou subjuntiva do imperativo. Em seguida, em 5.2, apresentamos e discutimos as respostas de 7 questões, com frases

retiradas de tirinhas da TMJ e CBM, em que o participante deveria apontar qual forma – indicativa ou subjuntiva - usaria em seu dia a dia. Ainda nesta seção do teste, havia uma pergunta aberta, de caráter opcional, para que os respondentes argumentassem se em seu dia a dia percebiam a diferença entre “Não **fala** assim!” e “Não **fale** assim!”. As respostas a essa questão aberta também serão analisadas.

5.1 Como os falantes acreditam que os personagens falam o imperativo?

Tencionamos observar, nesta subseção, qual forma – indicativa ou subjuntiva – os participantes acreditam ter sido usada pelos personagens, com o objetivo de verificar se fatores que se mostram como influenciadores no uso do imperativo nas revistas da TMJ e CBM também são acionados no teste de processamento da variação do imperativo. Para isso, o respondente teve de ler os recortes das revistas da TMJ e CBM, analisar a fala da personagem, apontar qual forma (indicativa ou subjuntiva) a personagem deve ter usada para um verbo infinitivo a. Como relatado anteriormente, havia um retângulo azul, impedindo a visualização da forma flexionada em que o verbo aparecia na versão original. O participante do experimento teve, então, de assinalar uma das duas opções do teste: a primeira no subjuntivo³ e a segunda no indicativo. Assim, a pergunta que direcionamos ao falante foi, por exemplo: “De que forma você acha que a mãe da Mônica falaria o verbo “ACORDAR” nesse contexto?” e eles deveriam então assinalar a opção com o verbo, ou na forma subjuntiva (acorde) ou indicativa (acorda), que julgavam ser a dita pelo personagem.

Na primeira questão, temos a imagem da mãe da Mônica acordando a filha e dizendo “Mônica!! **Acorde/acorda**, filha, ou vai se atrasar pra escola!” (figura 1). Nota-se que a frase é utilizada por um adulto, mãe da personagem, dando uma ordem, direcionando-se a uma adolescente e se posicionando como uma autoridade. Quanto à questão da fala de um personagem que denota autoridade, sabemos que, quando se

³ Conforme dito anteriormente, na seção 4, apresentamos como primeira opção de marcação a forma imperativa associada ao subjuntivo a fim de que, caso a ordem influenciasse a escolha, aquela que normalmente é desfavorecida em pesquisas de produção fosse apresentada primeiro.

trata dos pais dos personagens principais urbanos, em estudo de produção das revistas da TMJ e CBM (FARIA; SCHERRE, 2022, p. 1535-1536), há desfavorecimento da forma associada ao indicativo. Por outro lado, ainda em relação a um aspecto linguístico, vemos que a frase da tirinha apresenta vocativo antes e depois do verbo – *Mônica!! e filha* –, que, nos estudos de produção, favorecem a forma indicativa (FARIA, 2021, p. 64). Diante desses aspectos, nossa hipótese é que os participantes tenderão ao uso da forma indicativa, devido ao uso do vocativo, e, mesmo que a situação retrate uma conversa entre mãe e filha, não percebemos uma posição de autoridade em destaque nas imagens, principalmente ao observarmos o semblante da mãe.

Figura 1: Tirinha utilizada na primeira questão do questionário, da seção dois, em que o participante deveria apontar qual das opções o personagem da imagem recortada da história em quadrinhos apresentada usaria em *Mônica!!*
Acorde/acorda, filha, ou vai se atrasar pra escola

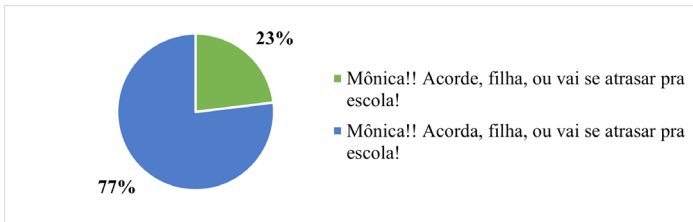


Fonte: Edição 1 da revista *Turma da Mônica Jovem*, p. 7.

Ao observar os resultados (gráfico 2), constatamos que a forma associada ao indicativo foi a que teve maior número de seleção, configurando 77% das respostas. Dessa maneira, percebe-se que, apesar de a fala dos pais dos personagens urbanos geralmente estar relacionada a um distanciamento e autoridade, fatores que no cotidiano são associados à forma subjuntiva, os resultados de nosso estudo de percepção mostraram que os participantes, nesse caso, acreditavam que a mãe da Mônica tinha utilizado a forma verbal indicativa.

Quanto a isso, é interessante ressaltar que, na revista, a frase dita pela mãe de Mônica foi apresentada na forma indicativa: *Mônica!! Acorda, filha, ou vai se atrasar pra escola!*. Dessa maneira, ao verificar que a maioria dos respondentes indicou que a fala da mãe estaria associada à forma indicativa, percebemos que tal fato pode indicar que a presença do vocativo antes e depois do verbo pode ter tido maior influência na escolha dos respondentes em relação ao traço de maior autoridade, geralmente demonstrada a partir do subjuntivo, ou que a situação comunicativa não retratava essa diferença hierárquica como destaque.

Gráfico 2: Resposta dos participantes à questão como você acha que o personagem disse a frase *Mônica!! Acorde/acorda, filha, ou vai se atrasar pra escola*



Fonte: Elaboração própria.

Já na segunda questão do questionário, os participantes tiveram de assinalar a alternativa referente às duas frases ditas pela mãe do Chico Bento na revista CBM, apresentadas na figura 2.

Figura 2: Tirinha utilizada na segunda questão do questionário, da seção dois, em que o participante deveria apontar qual das opções o personagem da imagem recortada da história em quadrinhos apresentada usaria em *Chico do céu! Num fale/fala ansim, fio! Tome/toma seu cha di camomila pra acarmá!*



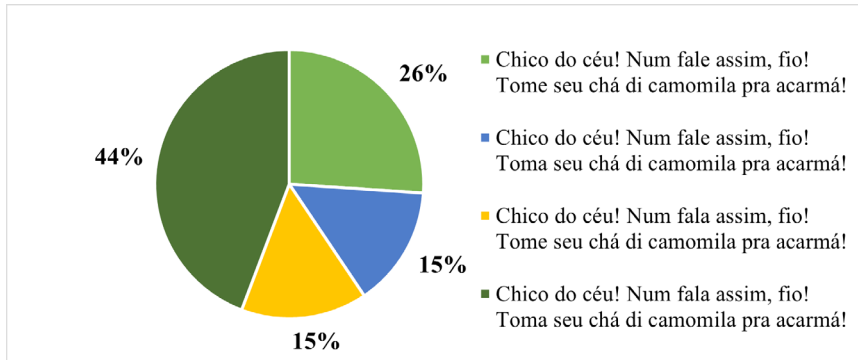
Fonte: Edição 21 da revista *Chico Bento Moço*, p. 42.

Apesar de estar na polaridade negativa com negação pré-verbal, vemos na primeira frase, *Chico do céu! Num _____ ansim, fio!*, uma situação semelhante a anterior, em que a frase em questão é dita pela mãe do Chico Bento, ou seja, uma autoridade, e com vocativo antes e depois do verbo – *Chico e fio*. No entanto, quando se trata dos personagens rurais a hipótese é de favorecimento do indicativo devido ao traço de ruralidade presente na fala. Nos resultados de produção referentes às revistas do *Chico Bento Moço*, quando se trata dos pais dos personagens principais rurais há alto favorecimento do indicativo (FARIA; SCHERRE, 2022, p. 1535-1536). Por outro lado, quando ocorre a negação pré-verbal, há o desfavorecimento da forma indicativa (FARIA; SCHERRE, 2022, p. 1541). Nessa situação comunicativa, a hipótese é que novamente a forma indicativa seja predominantemente assinalada, levando-se em conta o fato de serem personagens do meio rural e devido ao vocativo.

Já na segunda frase da tirinha (_____ *seu chá di camomila pra acarmá!*), na polaridade afirmativa do imperativo, acreditamos que também seja favorecida a forma indicativa. Para além desse aspecto, nessa questão tentamos verificar a atuação do princípio do paralelismo, ou seja, verificar a hipótese de que o participante tenderá a assinalar a mesma forma nas duas frases, nesse caso, o indicativo.

Assim sendo, observando os resultados referente às respostas do questionário, apresentados no gráfico 3, observa-se que a forma mais selecionada foi a que apresentava a forma indicativa nas duas frases: *Chico do céu! Num fala assim, fio! Toma seu chá di camomila pra acarmá!*, com 44%, confirmando nossa hipótese. No entanto, tal resultado contrasta com o que foi apresentado na revista, já que a fala da mãe de Chico Bento é *Chico do céu! Num fale assim, fio! Tome seu chá di camomila pra acarmá!*. Podemos então, perceber que os respondentes percebem o indicativo como um traço de ruralidade, mesmo quando há fatores linguísticos, no caso a negação pré-verbal, que apontava para o desfavorecimento da forma indicativa. Também convém ressaltar a atuação do princípio do paralelismo, uma vez que a opção com a repetição das formas do indicativo foi a mais assinalada.

Gráfico 3: Resposta dos participantes à questão como você acha que o personagem disse a frase *Chico do céu! Num fale/fala assim, fio! Tome/toma seu cha di camomila pra acarmá!*



Fonte: Elaboração própria.

Na questão seguinte, apresentamos um outro tipo de autoridade, um policial dando a ordem a alguém dizendo *Solte/Solta esse canivete, agora!!*, a fim de observar se os respondentes associariam a fala do personagem ao subjuntivo, baseando-se na hipótese da influência dos fatores de autoridade e distanciamento. Vale destacar que na frase também há a presença da expressão temporal de efeito imediato *agora*. Lamberti e Schwenter afirmam que “o indicativo é favorecido em contextos mais imediatos” (2018, p. 231), dessa forma, também é possível que essa expressão favoreça o uso da forma indicativa.

Figura 3: Tirinha utilizada na terceira questão do questionário, da seção dois, em que o participante deveria escolher qual das opções o personagem da imagem recortada da história em quadrinhos apresentada usaria em “Solte/ solta esse canivete, agora!!”



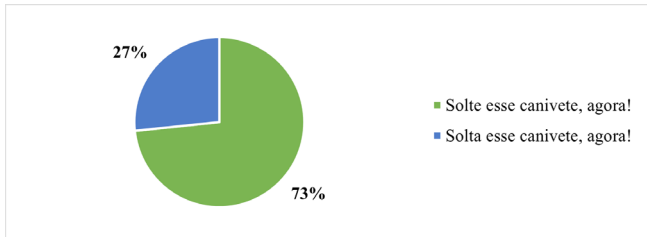
Fonte: Edição 18 revista da *Chico Bento Moço*, p. 62

Como vemos no gráfico 4, a forma associada ao subjuntivo foi a mais selecionada pelos respondentes, configurando 73 pontos percentuais. Sendo assim, nota-se que a forma subjuntiva é relacionada a uma ordem imperativa, trazendo mais autoridade para a fala como é o caso do policial. Dessa maneira, ainda que a frase apresente a expressão temporal *agora*, a forma indicativa foi desfavorecida, em concordância com nossa hipótese e em discordância com os estudos de Lamberti e Schwenter (2018).

Vale salientar que a frase da imagem da revista *Chico Bento Moço* apresentada foi *Solte esse canivete, agora!* em concordância com a associação da forma subjuntiva à autoridade com maior grau de distanciamento da fala, ainda mais por se tratar de um policial em que no recorte apresentado está atuando alguém em flagrante. Dessa maneira, vemos que, tanto na revista quanto na percepção dos respondentes a fala

de autoridades, como o policial, é relacionada à forma subjuntiva a fim de denotar arbitrariedade.

Gráfico 4: Resposta dos participantes à questão como você acha que o personagem disse a frase *Solte/solta esse canivete, agora!!*



Fonte: Elaboração própria.

Na figura 4, temos a frase do Cascão ***Relaxe/Relaxa, coroa! O banho acabou faz tempo...*** em que há a presença do vocativo após o verbo em uma frase de polaridade afirmativa sem a presença de pronome. Em estudo de produção (FARIA; SCHERRE, 2022, p. 1535-1536), foi possível verificar que o personagem Cascão é o que apresenta maior favorecimento da forma indicativa dentre os personagens principais urbanos, devido provavelmente a sua personalidade subversiva e moderna. Sendo assim, esperávamos que a forma associada ao indicativo fosse a mais selecionada pelos participantes.

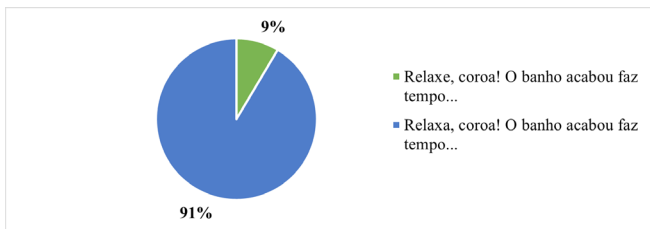
Figura 4: Tirinha utilizada na quarta questão do questionário, da seção dois, em que o participante deveria apontar qual das opções o personagem da imagem recortada da história em quadrinhos apresentada usaria em *Relaxe/relaxa, coroa! O banho acabou faz tempo...*



Fonte: Edição 1 da revista *Turma da Mônica Jovem*, p. 7.

Com base nos resultados apresentados no gráfico 5, é possível verificar a confirmação da nossa hipótese de favorecimento da forma associada ao indicativo, em 91% das respostas. Dessa maneira, quando se trata de frases de polaridade afirmativa com o vocativo depois do verbo, os indivíduos tendem a utilizar mais a forma associada ao indicativo. Assim como no teste, a frase na revista também foi apresentada como *Relaxa, coroa! O banho acabou faz tempo!*, indo ao encontro do que os participantes responderam.

Gráfico 5: Resposta dos participantes à questão como você acha que o personagem disse a frase *Relaxe/relaxa, coroa! O banho acabou faz tempo...*



Fonte: Elaboração própria.

Na quinta questão do questionário, os participantes deveriam assinalar a opção entre *bata* e *bate* que preenchesse o espaço na frase *Bate/bata em mim não!* Nessa frase de polaridade negativa, há negação pós-verbal, por isso nossa hipótese é de favorecimento da forma associada ao indicativo. Cabe salientar que, na revista, a fala de Cascão é *Bate em mim não!*, com o verbo no modo indicativo.

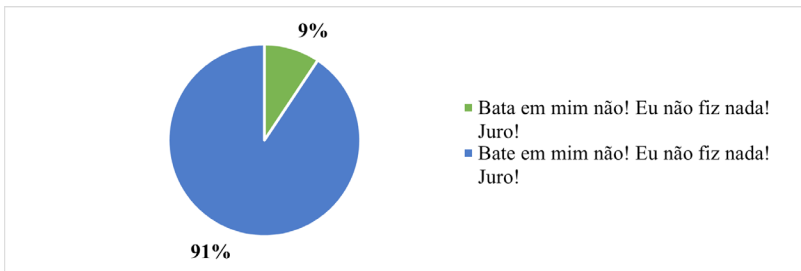
Figura 5: Tirinha utilizada na quinta questão do questionário, da seção dois, em que o participante deveria apontar qual das opções o personagem da imagem recortada da história em quadrinhos apresentada usaria em *Bata/bate em mim não!*



Fonte: Edição 67 da revista *Turma da Mônica Jovem*, p. 62.

Analisando os resultados apresentados no gráfico 6, nota-se que a forma associada ao indicativo foi a mais marcada, configurando 91%. Por conseguinte, é notável que, quando se trata de negação pós-verbal, a tendência é que os falantes usem mais a forma indicativa, confirmando a nossa hipótese, em concordância também com o que é apresentado na revista.

Gráfico 6: Resposta dos participantes à questão como você acha que o personagem disse a frase “Bata/bate em mim não!”



Fonte: Elaboração própria.

Na questão seguinte, tínhamos a frase do Cascão *Esperare/espera! Não diga/diz nada!* em que os respondentes deveriam marcar a opção que apresentasse a forma dos verbos *esperar* e *dizer*. Nessa questão, pretendíamos observar se os indivíduos escolheriam a opção em que houvesse o paralelismo das formas, além das questões envolvendo a negação pré-verbal na segunda frase, já que essa característica tende a favorecer a forma associada ao subjuntivo.

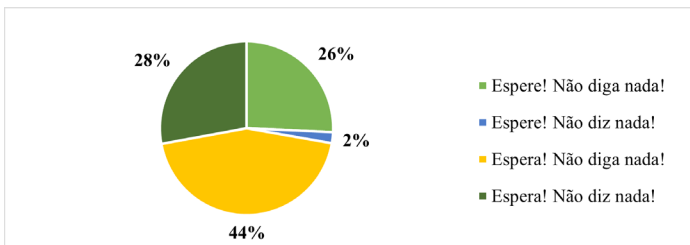
Figura 6: Tirinha utilizada na sexta questão do questionário, da seção dois, em que o participante deveria apontar qual das opções o personagem da imagem recortada da história em quadrinhos apresentada usaria em *Esperare/espera! Não diga/diz nada!*



Fonte: Edição 88 da revista *Turma da Mônica Jovem*, p. 15.

Vemos, por meio dos resultados elencados no gráfico 7, que a forma mais indicada pelos respondentes foi a **Espera! Não diga nada!**, em que o primeiro verbo está no indicativo e o segundo no subjuntivo. Logo, é perceptível que, mesmo acreditando que a primeira forma dita pelo personagem está no indicativo, os respondentes optaram pela opção em que a segunda frase com negação pré-verbal aparecia na forma subjuntiva. Percebe-se, portanto, que a presença de negação pré-verbal faz com que os falantes deem preferência à forma associada ao subjuntivo. Tal resultado contrastou com o que a revista *Turma da Mônica Jovem* apresentou, já que na tirinha retirada o personagem diz **Espera! Não diga nada!**. Além disso, destacamos o fato de nesta questão os participantes não assinalarem uma opção com paralelismo entre as formas.

Gráfico 7: Resposta dos participantes à questão como você acha que o personagem disse a frase “Espere/espera! Não diga/diz nada!”



Fonte: Elaboração própria.

Já na sétima questão, os respondentes deveriam assinalar a opção correspondente a que acreditavam ser a que Chico Bento falou no contexto da Figura 7 entre *Se **segure**!!* ou *Se **segura**!!*. Nessa frase, há a presença do pronome clítico *se* antes do verbo. Sendo assim, é interessante observar qual é a tendência dos falantes nesse contexto.

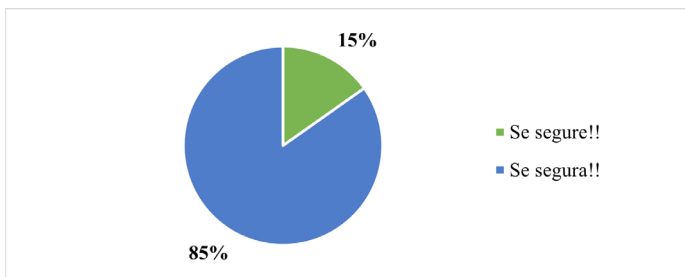
Figura 7: Tirinha utilizada na sétima questão do questionário, da seção dois, em que o participante deveria apontar qual das opções o personagem da imagem recortada da história em quadrinhos apresentada usaria em *Se segure/segura!*



Fonte: Edição 19 da revista *Chico Bento Moço*, p. 15.

Como é possível perceber no gráfico 8, na frase dita por Chico Bento, 85% dos respondentes acreditavam que a frase dita foi *Se segura!*, associada ao indicativo. Anteriormente, vimos que, quando se trata de personagens rurais, a tendência é que os falantes assinalem a alternativa em que o verbo está associado ao indicativo. Tal fato não deve ser algo consciente para os falantes, já que o uso da forma indicativa por pessoas residentes da área urbana também é comum, mas é claro que “estes personagens representam a expressão da linguagem com menos pressão social e com menos monitoração” (SCHERRE, 2003, p. 190) e, por isso, os respondentes podem associar a fala de tais personagens a uma fala não monitorada e em desacordo com a gramática normativa.

Gráfico 8: Resposta dos participantes à questão como você acha que o personagem disse a frase *Se segure/segura!*



Fonte: Elaboração própria.

Na questão a seguir, com a frase da Cascuda *Me deixe/deixa em paz, Mônica!*, procuramos observar o efeito que a presença do pronome clítico *me*, antes do verbo, e o vocativo, depois do verbo, tinham sob a escolha dos falantes. Com base nos nossos resultados do estudo de produção, sabíamos que a presença do pronome *me* nas revistas da *Turma da Mônica Jovem* e *Chico Bento Moço* configuraram o favorecimento da forma associada ao subjuntivo (FARIA, 2021b, p. 57-58). No entanto, quando nas revistas havia a presença do vocativo após o verbo, havia uma tendência de favorecimento da forma associada ao indicativo. Dessa maneira, no contexto da figura 8, percebemos fenômenos linguísticos que atuam em direções opostas.

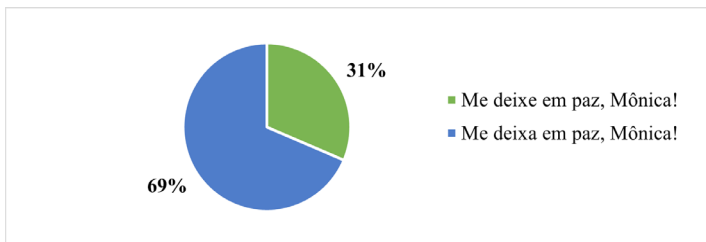
Figura 8: Tirinha utilizada na oitava questão do questionário, da seção dois, em que o participante deveria apontar qual das opções o personagem da imagem recortada da história em quadrinhos apresentada usaria em *Me deixe/deixa em paz, Mônica!*



Fonte: Edição 89 revista da *Turma da Mônica Jovem*, p. 60.

Constatamos que 69% dos respondentes assinalaram a alternativa com o verbo na forma associada ao indicativo. Assim, o vocativo nessa questão provavelmente foi um fator de maior peso em relação à presença do pronome clítico *me*, fazendo com que a maioria dos respondentes assinalassem que o verbo *deixar* estaria na forma indicativa. Além disso, os resultados do teste de percepção foram equivalentes à frase dita por Cascuda *Me deixa em paz, Mônica!*

Gráfico 9: Resposta dos participantes à questão como você acha que o personagem disse a frase *Me deixe/deixa em paz, Mônica!*



Fonte: Elaboração própria.

Na nona questão do questionário, apresentamos um recorte da revista *Chico Bento Moço* com a fala da personagem Rosinha: *Chico! Saia/Sai pra lá com esse assanhamento!*. Nessa frase, percebemos que, além da polaridade afirmativa, há a presença do vocativo antes do verbo.

Nos estudos de produção, quando o vocativo aparecia antes do verbo nas revistas da *Turma da Mônica Jovem* e *Chico Bento Moço*, a forma indicativa era desfavorecida. (FARIA, 2021b). Já em relação à polaridade afirmativa com a ausência de pronomes no quadrinho, como é o caso da frase indicada no quadrinho, o indicativo era favorecido.

Além disso, na figura 8, a fala em análise é de Rosinha, uma personagem rural. É interessante salientar que o indicativo é um traço comum na fala das personagens rurais, devido ao menor nível de monitoramento, ainda que no contexto da revista do *Chico Bento Moço* os dois personagens, Chico Bento e Rosinha, tenham realizado a migração para a cidade grande para cursar a faculdade. Sendo assim, será observado se, na percepção dos participantes, a fala de Rosinha será influenciada pela ruralidade ou pelos outros fatores linguísticos como a presença do vocativo ou a ausência de pronomes.

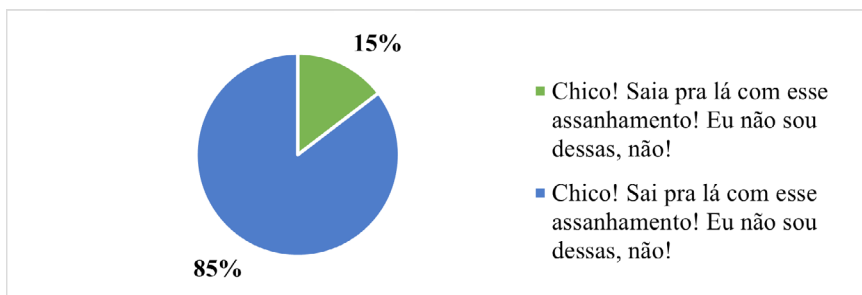
Figura 9: Tirinha utilizada na nona questão do questionário, da seção dois, em que o participante deveria apontar qual das opções o personagem da imagem recortada da história em quadrinhos apresentada usaria em *Chico! Saia/sai pra lá com esse assanhamento!*



Fonte: Edição 21 revista da *Chico Bento Moço*, p. 38.

85% dos respondentes assinalaram a alternativa correspondente à forma associada ao indicativo, *Chico! Sai pra lá com esse assanhamento!*, demonstrando que, nesse contexto, a polaridade afirmativa fez com que os falantes tendessem a optar pela opção com o verbo *sair* na forma indicativa. É interessante salientar, conforme dito anteriormente, que o maior uso da forma associada ao indicativo é um traço de ruralidade, como vimos nos resultados do gráfico 2 e 7, o que pode também ter sido um fator para a escolha dos participantes do questionário.

Gráfico 10: Resposta dos participantes à questão como você acha que o personagem disse a frase *Chico! Saia/sai pra lá com esse assanhamento!*



Fonte: Elaboração própria.

Na penúltima questão da seção dois do questionário, a imagem da figura 10 foi apresentada. Nela, há dois verbos a serem preenchidos: *procurar* e *esterilizar*. Nessa fala, o vocativo é apresentado antes do verbo e há a presença do pronome *seu*. Sendo assim, a hipótese é de que, em tal contexto, os falantes estariam propensos a marcarem mais a opção associada ao subjuntivo, atentando-se também ao paralelismo, assim como foi apresentada na revista (*Outra coisa, Magali! Procure um veterinário e esterilize seu casal de gatos!*).

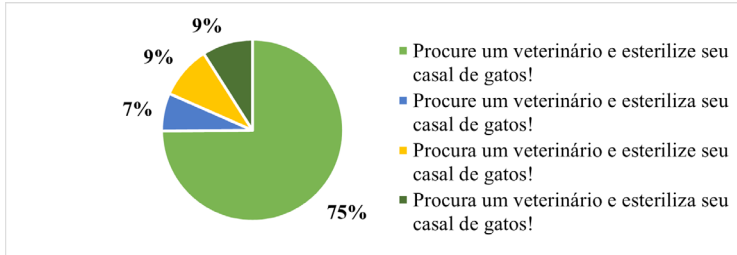
Figura 10: Tirinha utilizada na décima questão do questionário, da seção dois, em que o participante deveria apontar qual das opções o personagem da imagem recortada da história em quadrinhos apresentada usaria em *Outra coisa, Magali! Procure/procura um veterinário e esterilize/esteriliza seu casal de gatos!*



Fonte: Edição 53 revista da *Turma da Mônica Jovem*, p. 119.

Observando os resultados apresentados no gráfico 11, é notório que a forma subjuntiva foi favorecida, confirmando, portanto, a nossa hipótese relacionada à presença do vocativo e pronome *seu*. Prova disso é que 75% dos respondentes optaram pela opção ***Procure um veterinário e esterilize seu casal de gatos!***, em que os dois verbos estavam no subjuntivo, mantendo o paralelismo.

Gráfico 11: Resposta dos participantes à questão como você acha que o personagem disse a frase *Outra coisa, Magali! Procure/procura um veterinário e esterilize/esteriliza seu casal de gatos!*



Fonte: Elaboração própria.

Por fim, na última questão desta seção do questionário, a frase dita por Cascuda (*Bobão! Nunca mais **esconda/esconde** problema de mim!*) foi apresentada. Nessa construção, notamos a presença do vocativo *bobão* antes do verbo e, como dito anteriormente, esse aspecto linguístico favorece o subjuntivo.

Além disso, levamos em consideração a presença da expressão temporal *nunca*. Lamberti e Schwenter (2018, p. 240) afirmam que “os contextos imediatos seriam majoritariamente mais usados com a forma do indicativo e os não imediatos com o subjuntivo”. Por isso, a hipótese principal nesta questão é de favorecimento da escolha do subjuntivo. Vale ressaltar que o verbo desse trecho retirado da revista *Turma da Mônica Jovem* foi apresentado na forma subjuntiva, ou seja, a frase dita pela personagem no quadrinho era *Bobão! Nunca mais **esconda** problema de mim!*, ao encontro da hipótese elencada. Dessa forma, considerando que *nunca* tem efeito não imediato, a expectativa era que a opção mais marcada pelos participantes fosse a forma verbal subjuntiva.

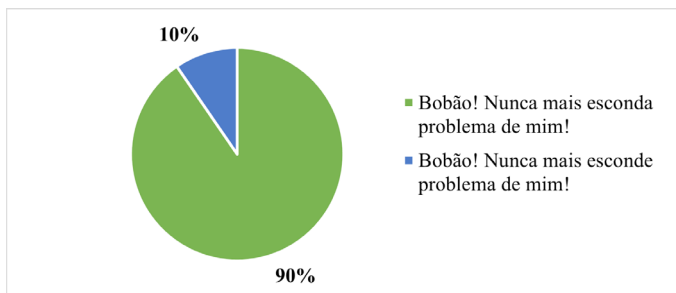
Figura 11: Tirinha utilizada na décima primeira questão do questionário, da seção dois, em que o participante deveria apontar qual das opções o personagem da imagem recortada da história em quadrinhos apresentada usaria em *Bobão! Nunca mais esconda/esconde problema de mim!*



Fonte: Edição 12 revista da *Turma da Mônica Jovem*, p. 122.

Considerando o gráfico 12, identificamos que a forma mais selecionada pelos falantes foi a subjuntiva. Sendo assim, a afirmação de Lamberti e Schwenter (2018) se faz verdadeira nesse contexto. Contudo, considerando que a presença do vocativo antes do verbo também tende a favorecer o uso do subjuntivo, não há como afirmar que a escolha dos respondentes foi em razão da presença da expressão temporal *nunca* ou do vocativo, necessitando assim de uma análise mais aprofundada.

Gráfico 12: Resposta dos participantes à questão como você acha que o personagem disse a frase *Bobão! Nunca mais esconda/esconde problema de mim!*



Fonte: Elaboração própria.

À luz de tais resultados, podemos perceber que há fatores que influenciam a utilização tanto da forma associada ao subjuntivo como ao indicativo. Para o favorecimento da forma indicativa, destacamos, principalmente, o traço de ruralidade, a presença do vocativo depois do verbo, o contexto imediato, a polaridade afirmativa, a negação pós-verbal e a ausência de pronomes. Por outro lado, o contexto de autoridade em destaque, o contexto temporal não imediato, a negação pré-verbal e a presença do vocativo antes do verbo são favorecedores do subjuntivo. Além disso, ao apresentarmos sentenças com dois verbos no imperativo, a tendência é de manutenção da mesma forma, ou seja, há também um fator de paralelismo em jogo.

Vale destacar que a maioria dos resultados foi ao encontro das nossas hipóteses e também correspondem aos diálogos originais das personagens. Como a pergunta desta seção do questionário foi *De que forma você acha que tal personagem falaria o verbo nesse contexto?*, os participantes tiveram de considerar fatores para além dos linguísticos, ou seja, levar em conta a personalidade, ruralidade e autoridade dos personagens, o que mostra que para além da língua há fatores extralinguísticos que influenciam o uso da forma imperativa e os falantes a percebem no processamento linguístico.

5.2 Como os falantes utilizam o verbo no imperativo em seu cotidiano

Partindo para a análise dos resultados da terceira seção de nosso teste, apresentamos os resultados das sete frases retiradas das revistas TMJ e CBM sem as imagens, a fim de que aspectos extralinguísticos dos personagens não fossem considerados, já que queríamos que os respondentes escolhessem, entre as opções, aquela que eles utilizam em seu dia a dia. Sendo assim, a pergunta que apresentamos foi *Quais das construções abaixo você falaria?* e havia alternativas tanto com o verbo na forma subjuntiva quanto na indicativa, sempre nessa ordem. Com essas questões, buscamos observar quais são as formas que os participantes acreditam usar e verificar se fatores linguísticos estão atuando nessa percepção de qual forma usar.

A primeira construção apresentada foi *Não ouse/ousa me tocar ou o transformo num inseto!!* e a hipótese de trabalho foi que a forma preferida seria o subjuntivo, devido ao fato de se tratar de um dado de imperativo negativo. Os resultados confirmaram essa hipótese, uma vez

que tivemos 93% das respostas correspondentes à forma subjuntiva, ratificando assim a tradição gramatical que prevê apenas formas associadas ao subjuntivo nos casos de contextos negativos.

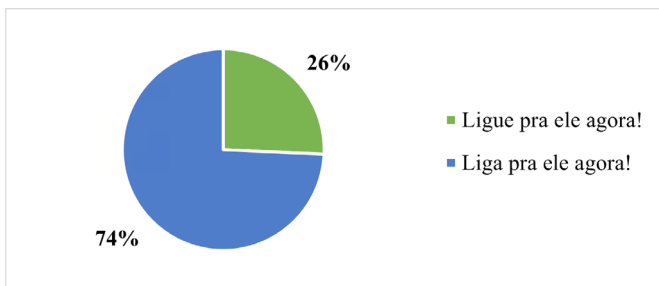
Gráfico 13: Resposta dos participantes à questão *Não ouse/ousa me tocar ou o transformo num inseto!!*



Fonte: Elaboração própria.

A segunda construção foi ***Ligue/Liga pra ele agora!***, em que a hipótese testada foi de favorecimento da forma indicativa em contextos imediatos, seguindo a hipótese e o principal resultado de Lamberti e Schwenter (2018). Mais uma vez a hipótese foi confirmada, tendo em vista que a maioria, 74% dos participantes, assinalou a alternativa com o verbo *ligar* na forma indicativa.

Gráfico 14: Resposta dos participantes à questão *Ligue/liga pra ele agora!*

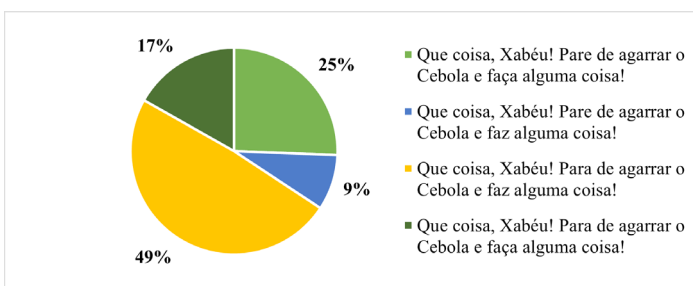


Fonte: Elaboração própria.

Na terceira questão desta seção, na frase indicada, havia dois verbos a serem selecionados: *Que coisa, Xabéu! Pare/para de agarrar o Cebola e faça/faz alguma coisa!*. A hipótese foi que a presença do vocativo favorece o indicativo e, devido ao princípio do paralelismo, as duas ocorrências estarão nessa forma.

Após a análise das respostas, constatamos que a forma mais assinalada pelos participantes do questionário foi a que ambos os verbos aparecem associados à forma indicativa (*Para/faz*). Dessa forma, podemos perceber que os resultados estão se voltando, em sua maioria, para a formaindicativa, fato que demonstra mais uma vez que os usuários da língua portuguesa, consciente ou inconscientemente, preferem as formas do indicativo na expressão do imperativo.

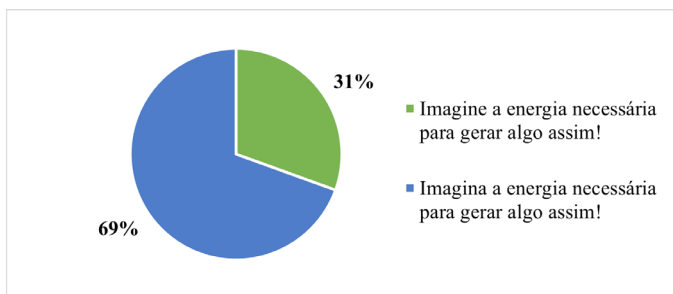
Gráfico 15: Resposta dos participantes à questão *Que coisa, Xabéu! Pare/para de agarrar o Cebola e faça/faz alguma coisa!*



Fonte: Elaboração própria.

Quando apresentamos a frase *Imagine/imagina a energia necessária para gerar algo assim!*, a forma mais marcada foi novamente a associada ao indicativo com 69%, confirmando nossa hipótese de preferência pelo uso do indicativo, principalmente ao levarmos em consideração que a maioria dos participantes são da Região Sudeste do Brasil, onde predomina o imperativo na forma do indicativa.

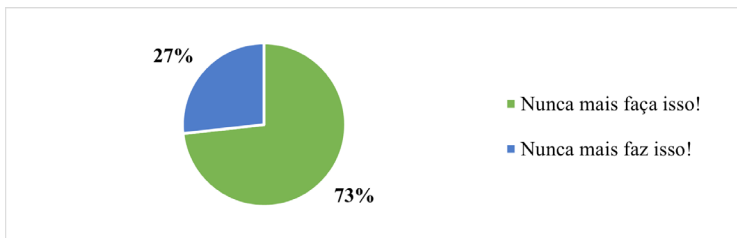
Gráfico 16: Resposta dos participantes à questão *Imagine/imagina a energia necessária para gerar algo assim!*



Fonte: Elaboração própria.

Já no caso da frase *Nunca mais faça/faz isso!*, a forma mais indicada pelos participantes foi a associada ao subjuntivo com 73% das respostas. Tal fato contrasta com os resultados até agora obtidos nessa seleção, em relação à fala dos respondentes em seu cotidiano. Portanto, quando há a presença da expressão temporal *nunca*, o uso do imperativo tende a ser marcado pelo subjuntivo, concordando com o estudo de Lamberti e Schwenter (2018, p. 240), já que os resultados por eles encontrados demonstraram que “os contextos imediatos seriam majoritariamente mais usados com a forma do indicativo e os não imediatos com o subjuntivo”.

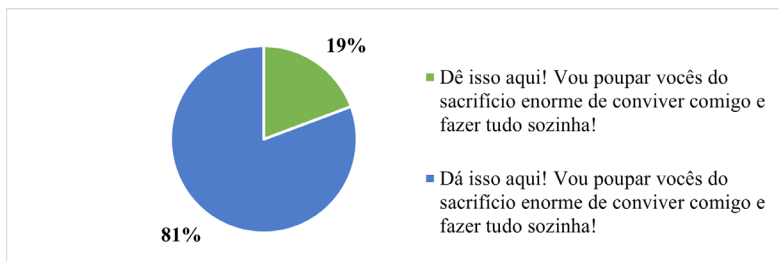
Gráfico 17: Resposta dos participantes à questão *Nunca mais faça/faz isso!*



Fonte: Elaboração própria.

Em relação à frase *Dê/dá isso aqui!*, nota-se mais uma vez o maior uso da forma indicativa com 81% dos falantes assinalando a alternativa correspondente.

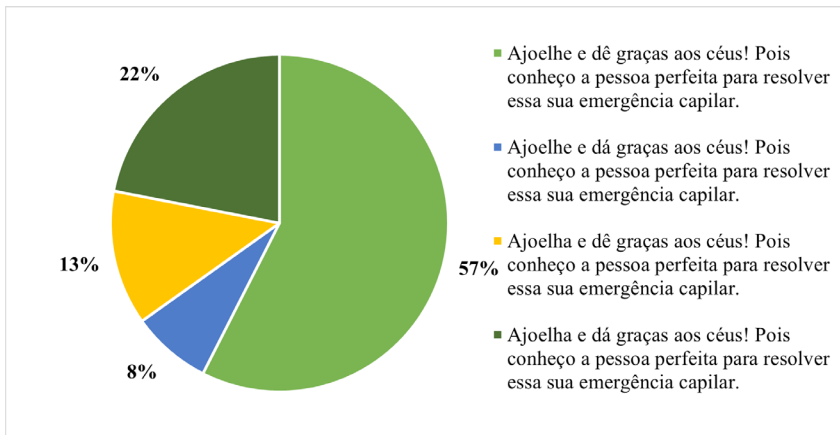
Gráfico 18: Resposta dos participantes à questão *Dê/dá isso aqui!*



Fonte: Elaboração própria.

Já na última questão objetiva dessa seção, com a frase *Ajoelhe/ ajoelha e dê/dá graças aos céus!*, percebemos que a forma subjuntiva nos dois verbos foi a mais assinalada com 57% dos participantes. No entanto, nota-se que a frase apresentada remete ao caráter religioso. Quanto a isso, sabe-se que a linguagem expressa dentro desses ambientes e contextos, geralmente provém de uma fala mais rebuscada, com maior grau de monitoramento, em concordância com a gramática normativa, e até mesmo, por vezes, a presença do português arcaico no texto bíblico, portanto isso pode ter sido um fator influenciador para que os falantes tendessem a marcar mais essa opção.

Gráfico 19: Resposta dos participantes à questão *Ajoelhe/ajoelha e dê/dá graças aos céus!*



Fonte: Elaboração própria.

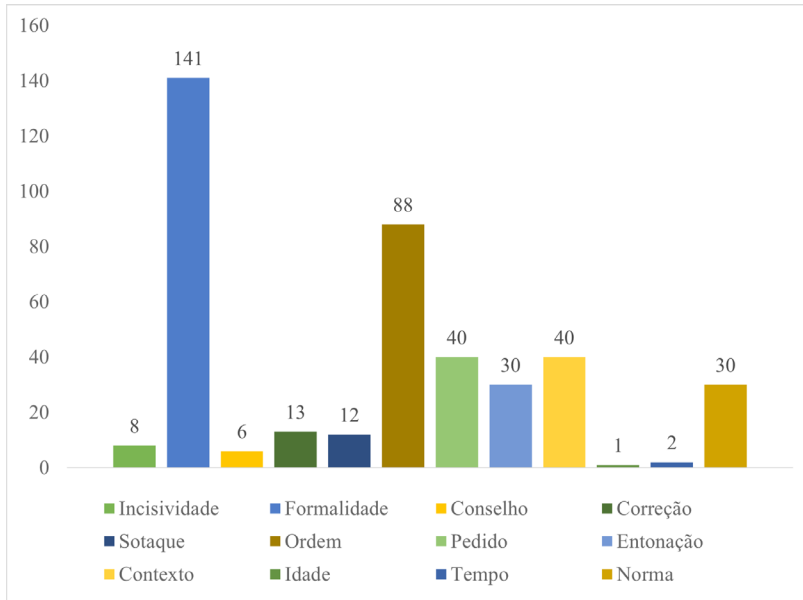
Percebe-se, ao fim da apresentação desses resultados, que, das sete perguntas nesta seção do questionário, cinco tiveram como opção mais assinalada a que tinha o verbo na forma indicativa, confirmando nossa hipótese de que essa seria a forma favorecida, conforme indicam os resultados de estudos de produção. Além disso, os únicos dois casos em que a forma subjuntiva foi a de maior peso foram aqueles em que o *nunca* aparecia, ou seja, em contextos de contexto temporal não

imediate, ou que denotava religiosidade na frase e, conseqüentemente, maior formalidade. Esses resultados nos ajudam a compreender melhor o processo de variação do imperativo e verificar que os resultados aqui encontrados vão ao encontro dos resultados de diversas pesquisas já realizadas no português brasileiro.

Ao fim desta seção, apresentamos aos participantes como última questão uma pergunta de caráter aberto e opcional: *Em seu dia a dia, você percebe alguma diferença entre as orações 'Não fala assim!' e 'Não fale assim!'?* Se sim, nos diga qual. Nosso objetivo com essa pergunta era verificar se os usuários da língua percebem alguma diferença no uso do imperativo nas formas indicativa e subjuntiva. Nossa hipótese é de que os participantes têm consciência dessa diferença e que associarão a forma no subjuntivo como uma ordem mais rude, direta e que demonstra maior autoridade.

Por se tratar de uma pergunta opcional, nem todos responderam à questão. Convém ressaltar que tivemos no geral um total de 875 respostas e apenas 316 disseram que percebiam alguma diferença entre essas formas, isto é, 559 pessoas responderam que não percebem a diferença ou se abstiveram da pergunta. Das 316 respostas dos participantes que identificam a diferença entre as duas falas, constatamos uma diversidade muito grande de respostas. Para melhor organização dessas respostas e para facilitar a visualização dos dados, dividimos em temas os fatores que foram mais associados a essa diferença e os apresentamos no gráfico abaixo, discutindo sobre cada um deles e destacando algumas das respostas que julgamos ser mais interessantes sobre cada um.

Gráfico 20: Sistematização das respostas dos participantes à questão discursiva do estudo de percepção: *Em seu dia a dia, você percebe alguma diferença entre as orações ‘Não fala assim!’ e ‘Não fale assim!’? Se sim, nos diga qual.*



Fonte: Elaboração própria.

Notamos, por meio dos resultados expostos no gráfico 20, que a maioria dos participantes do questionário associaram a diferença entre *Não fale assim!* e *Não fala assim!* à formalidade (141), ordem (88), contexto (40), pedido (40), entonação (30) e/ou norma (30). É interessante salientar que algumas pessoas associaram a diferença a mais de um fator, sendo assim, o número de respostas (411) é maior que o número de respondentes (316).

É interessante ressaltar que todos os fatores os quais os respondentes associaram à diferença entre as duas formas foram citados por nós anteriormente no presente artigo, com exceção da entonação, que não se aplica no caso das revistas por ser um objeto escrito em que a entonação da fala dos personagens fica a critério do leitor. Sendo assim, com relação à formalidade sabemos que “em contexto mais íntimo, mais solidário ou menos formal, usa-se a forma imperativa associada ao modo

indicativo; em contexto menos íntimo, menos solidário ou mais formal, usa-se a forma imperativa associada ao modo subjuntivo” (SCHERRE, 2004, p. 3). Isso pode ser visto na fala de um dos respondentes ao afirmar que “a primeira construção (*Não fala assim!*) parece mais informal e casual em relação a (sic) segunda (*Não fale assim!*), que parece mais formal e séria”.

Já com relação ao traço de ordem, ressaltamos a afirmação de Scherre (2004, p. 7) de que

falantes que hoje usam maciçamente o imperativo na forma indicativa afirmam que é a forma subjuntiva que funciona como reforço de ordem. Em verdade, o que estes falantes estão captando é a presença do traço de [+formalidade] ou de [+distanciamento], associado ao imperativo na forma subjuntiva, que, indiretamente, é sentido como uma ordem marcada (ou ordem rude).

Um exemplo desse sentimento de ordem no verbo imperativo associado ao subjuntivo é a frase de dois dos nossos respondentes que disse que “*Não fale assim!* soa mais imperativo, uma ordem. *Não fala assim* parece mais informal e descontraído, pode ser usado até pra reconfortar alguém em determinadas situações” e “*Não fala assim* é mais de boa, parece um pedido, enquanto *Não fale assim* fica muito imperativo, soa como um comando”. Sendo assim, o primeiro indivíduo, por exemplo, percebeu a relação entre o traço de [+formalidade] e ordem, enquanto o outro somente designou a diferença ao comando/ordem e pedido.

Dessa forma, considerando que “os falantes de Salvador, que usam maciçamente o imperativo na forma subjuntiva, não sentem o imperativo associado à forma indicativa dos falantes mineiros ou cariocas, por exemplo, como uma ordem rude” (SCHERRE, 2004, p.7) e sabendo que a maioria dos falantes que responderam ao nosso questionário são moradores da Região Sudeste, que usualmente utilizam mais a forma associada ao indicativo, era esperado que associassem a forma subjuntiva *Não fale assim!* à ordem. Prova disso é que 88 pessoas associaram a forma subjetiva a uma ordem e a uma entonação mais autoritária – como vemos na temática entonação, com 30 pessoas apontando esse traço. Essa diferença entre localidade pode ser observada na fala de uma das pessoas que responderam ao questionário: “Sim, percebo a diferença principalmente depois de me mudar de Goiânia pra Salvador. Acho a frase *não fala assim!* mais imperativa e em tom sério”.

Como exemplo dessa visualização de ordem, temos a explicação de um dos participantes do questionário “A primeira sentença (*Não fala assim!*) expressa uma maneira menos grosseira de dizer do que a segunda. Apesar de as duas exprimirem ordem, parece que isso é mais ressaltado na segunda sentença (*Não fale assim!*)”. Já quando se trata da entonação, percebe-se “Acho que *não fala assim* pode ser mais no sentido de ser compreensiva com alguém, exemplo *não fala assim, a comida que tu fez tá ótima* enquanto *não fale assim* é mais no uso imperativo mesmo, como *não fale assim comigo!*”.

Alguns participantes também relacionaram a diferença entre as duas frases ao contexto nos quais elas poderiam ser expressas, como vemos em “Dependendo do contexto. A primeira eu posso falar com tristeza e a segunda com raiva”. Já outras pessoas disseram que a diferença entre as duas frases apresentadas era que uma era condizente com a norma e a outra não, como em “Embora eu tenha consciência de que, pela norma padrão, o correto seria usar *não fale assim!*, em situações coloquiais acabo me expressando com *não fala assim!*”.

Diante das colocações dos respondentes, no geral, constata-se que aqueles que disseram que percebiam a diferença entre as formas indicativas e subjuntivas, associaram a forma subjuntiva a uma ordem mais grosseira, incisiva e formal, enquanto a indicativa é expressa em forma de pedido, informalidade e carinhosa. Com base nisso, nota-se que a forma indicativa está cada vez mais frequente e a variante conservadora (forma subjuntiva), agora associada a um teor autoritário, está tendo seu uso diminuído também como opção no estudo de percepção.

6 Considerações finais

A partir dos resultados obtidos acerca da percepção da variação linguística do imperativo entre as formas indicativas e subjuntivas, demonstramos que a forma indicativa em contextos de *você* é a forma preferida, ao encontro da nossa hipótese de alto índice de uso dessa forma, baseando-nos nos estudos anteriores de Scherre (2004; 2007).

Os resultados apresentados neste artigo demonstram uma tendência maior de uso da forma associada ao indicativo nas respostas relacionadas às formas supostamente utilizadas pelos personagens da TMJ e CBM, apresentadas como recortes dessas histórias em

quadrinhos, e também em relação às formas empregadas no dia a dia pelos participantes.

Dessa forma, podemos afirmar que a forma indicativa tem passado a ser a mais frequente tanto em estudos de produção, quanto em estudos de percepção e, por outro lado, há uma diminuição do uso e da percepção da formasubjuntiva.

A partir desses resultados, reiteramos que o imperativo atualmente apresenta um “distanciamento considerável entre norma e uso no português brasileiro contemporâneo falado e escrito” (SCHERRE, 2003, p. 193). Contudo, é sabido que

a nova norma estabelecida – imperativo na forma associada ao indicativo no contexto discursivo do pronome você – ocupa os espaços escritos pelo fato de a expressão variável do imperativo não marcar classe social e de não se encontrar envolvida em processos de estigma ou de (auto)avaliação negativa. (SCHERRE, 2004, p. 256)

Assim, percebemos que apesar de a forma que vai contra ao que a gramática normativa propõe, o indicativo no contexto de *você*, estar sendo cada vez mais usada, sabemos que tal fato não é alvo de preconceito ou qualquer tipo de estigma, logo, fica claro que “o critério para se estigmatizar uma variável linguística não é o seu grau de aproximação à norma gramatical: o critério é, sem dúvida, a classe ou comunidade social onde esta se manifesta.” (ANDRADE, MELO, SCHERRE, 2007, p. 9).

No entanto, para além dessas questões, pudemos verificar neste artigo que há condicionamentos linguísticos, discursivos, sociais e pragmáticos, constatados também em diversos estudos de produção já realizados, que são acionados na escolha entre as formas indicativa e subjuntiva na expressão do imperativo em estudos de percepção, ou seja, estão ligados ao processamento linguístico dessas formas.

Mais especificamente, esta pesquisa possibilitou demonstrar que, a partir dos resultados alcançados, ao buscarmos a resposta sobre como os participantes acreditam que os personagens utilizam o imperativo, há o favorecimento da forma indicativa em contextos que evidenciam o traço de ruralidade dos personagens, a presença do vocativo depois do verbo, o contexto temporal imediato, a polaridade afirmativa da sentença, a negação pós-verbal e a ausência de pronomes. Já a forma subjuntiva foi favorecida em situações comunicativas em que o contexto de autoridade

estava em destaque na tirinha, no contexto temporal não imediato, em sentenças em que a negação era pré-verbal e na presença do vocativo antes do verbo. Vale ainda ressaltar que o paralelismo se mostrou atuante neste estudo, tendo em vista que, ao apresentarmos sentenças com dois verbos no imperativo, a tendência é de manutenção da mesma forma.

Em relação ao questionamento sobre como os participantes utilizam o verbo em contextos imperativos em seu cotidiano, pudemos constatar novamente que a opção mais assinalada foi a que tinha o verbo no indicativo, confirmando nossa hipótese e se apresentando de acordo com o que indicam os resultados de estudos de produção.

Além disso, os únicos dois casos em que a forma subjuntiva foi a mais frequente se relacionam a sentenças em que o termo *nunca* aparecia, ou seja, em contextos de expressão temporal não imediata ou em sentenças em contextos religiosos, conseqüentemente, maior formalidade.

Essa preferência pela forma indicativa em contextos imperativos também pode estar relacionada ao fato de nossa maior base de dados ser de indivíduos da faixa etária jovem, considerados *Millennials*⁴, e devido ao fato de a humanidade, atualmente, buscar maior modernidade e usar ferramentas de comunicação mais próximas da oralidade. Além disso, há também o fato de a forma subjuntiva, costumeiramente, despertar no ouvinte a sensação de autoritarismo e rigidez na fala, o que pode fazer com que os adolescentes e jovens, da geração *Millennials*, usem cada vez menos essa forma e passem a usar mais a forma indicativa, com o intuito de demonstrarem “maior proximidade e solidariedade” (ANDRADE, MELO E SCHERRE, 2007, p. 5) em sua fala.

E em relação ao último questionamento desta pesquisa, ao tentar verificar se os participantes percebem alguma diferença entre a forma indicativa e subjuntiva em orações imperativas, foi possível verificar que no geral não perceberam essa diferença e para aqueles que afirmaram ter essa percepção, apontaram que a forma subjuntiva expressa uma ordem mais grosseira, incisiva e formal, enquanto a indicativa é expressa em forma de pedido e é usada em situações com maior informalidade.

⁴ Termo cunhado por Howe e Strauss (2000) – os *Millennials* são caracterizados como uma geração mais conectada, educada e adversa ao autoritarismo

Declaração de Autoria

Este artigo foi produzido de forma colaborativa pelas duas autoras e apresenta alguns resultados da pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso de Carolina Barroca Faria, orientada por Leila Maria Tesch. A primeira autora, Carolina Barroca Faria, foi responsável pela elaboração e escrita da parte teórica, proposição do teste e levantamento e análise das respostas dos participantes. A segunda autora, Leila Maria Tesch, por sua vez, orientou o desenvolvimento da pesquisa, elaborou e sistematizou os procedimentos metodológicos, aprofundou a discussão dos resultados, realizou a edição e revisão do texto do artigo e as adequações sugeridas pelos pareceristas.

Referências

ANDRADE, C; MELO, F; SCHERRE, M. História e variação lingüística: um estudo em tempo real do imperativo gramatical em revista em quadrinhos da Turma da Mônica. *Jornal de Letras da UniCEUB*. Brasília, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BRASIL; E.; SCHERRE, M. Norma e uso na variação do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. Comunicação apresentada na 52ª Reunião Anual da SBPC, Brasília, 2000.

FARIA, C. Análise da variação do imperativo gramatical em revistas da Turma da Mônica Jovem. *In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFES. Anais [...]*. Vitória: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2020.

FARIA, C. Ampliando a análise da variação do imperativo gramatical nas revistas da Turma da Mônica Jovem. *In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFES. Anais [...]*. Vitória: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2021a.

FARIA, C. *A variação do imperativo nas revistas da Turma da Mônica Jovem e Chico Bento Moço: um estudo de uso e percepção*. 2021, 92 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Língua Portuguesa

e Literatura de Língua Portuguesa). Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021b.

FARIA, C.; SCHERRE, M. Variação do imperativo gramatical no português brasileiro: representações em quadrinhos da Turma da Mônica Jovem e do Chico Bento Moço. *Ciência Geográfica*, Bauru, v. 26, n.3, p. 1526–1549, 2022. <https://doi.org/10.18817/26755122.26.3.2022.3081>

FREITAG, R., SEVERO, C., ROST-SNICHELOTTO, C.; TAVARES, M. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. *Todas as Letras*, v. 18, n. 2, p. 64-84, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v18n2p64-84>

HOWE, N.; STRAUSS, W. *Millennials rising: the next great generation*. New York: Vintage Books, 2000.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LAMBERTI, L.; SCHWENTER, S A. Testando o papel da referência temporal na forma do imperativo em Português Brasileiro. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 231-258, 2018. DOI: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2018.v14n2a17625>

OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. 2015. 394f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics and Statistics, 2005.

SCHERRE, M. Norma e uso na expressão do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. In: SILVA, D., LARA, G. & MAGAZZO, M. (orgs.). *Estudos de Linguagem: Inter-relações e Perspectivas*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003. p. 177-191.

SCHERRE, M. Norma e uso – o imperativo no português brasileiro. In: DIETRICH, W.; NOLL, V. (orgs.). *O Português do Brasil – Perspectivas da pesquisa atual*. Cidade: Vervuert /Iberoamericana, 2004. p. 231-260.

SCHERRE, M. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. *Alfa*, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 189-222, 2007.

SCHERRE, M. O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança lingüística na escrita de revistas em quadrinhos. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia. (Org.). *Anthony Julius Naro e a Lingüística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. 1ed. Rio de Janeiro: FAPERJ/7Letras, 2008a, v. p. 306-319.

SCHERRE, M. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b [2005].

SCHERRE, M. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: A importância da pesquisa variacionista. *Tabuleiro de Letras*, Salvador, n. 4, p. 1–32, 2012. DOI: <https://doi.org/10.35499/tl.v0i4.167>

WEINREICH, U., LABOV, W. & HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].